

Contribuições Etnobotânicas sobre o Uso de Plantas por Benzedeiros(as)

Warmiston Carvalho Gomes¹

Museu Nacional / Universidade Federal do Rio de Janeiro

Naiza Maria Castro Nogueira²

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão Campus Monte Castelo

Josilene Pereira do Nascimento Cutrim³

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão Campus Zé Doca

Rafaela Cristine de Souza⁴

Universidade Estadual do Maranhão

RESUMO

Benzedeiros e benzedeiras utilizam rezas e plantas para realizar benzimentos, visando a cura de doenças físicas e espirituais. Este estudo etnobotânico investigou as plantas mais utilizadas na prática da benzeção no município de Morros, Maranhão, Brasil, e documentou aspectos dessa tradição. A coleta de dados foi realizada por meio da técnica bola de neve e entrevistas. As plantas mais citadas foram: *Scoparia dulcis* L., *Ricinus communis* L., *Astronium urundeava* (M. Allemão) Engl., *Jatropha gossypiifolia* L., *Capsicum frutescens* L., *Luehea divaricata* Mart. e *Euterpe oleracea* Mart. A maioria dos entrevistados era do sexo masculino, agricultores, com mais de 50 anos, detentores de amplo conhecimento sobre benzimentos e plantas medicinais e religiosas. Observou-se um declínio no interesse dos jovens pela prática da benzeção, cuja transmissão ocorre predominantemente de forma oral, geralmente por mulheres da família. O estudo evidenciou a importância dos conhecimentos tradicionais e os significados culturais atribuídos às plantas pelas comunidades locais.

Palavras-chave: Benzimento; Maranhão; Flora medicinal; Conhecimento tradicional.

¹ Doutorando em Ciências Biológicas (Botânica) pelo Museu Nacional (MN)/Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre em Ciências Biológicas (Botânica) MN/UFRJ. Laboratório Interativo em Etnobotânica (LinE). **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-2294-4593>. **Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/5015558387203752>. **E-mail:** warmiston.cg@gmail.com.

² Doutora em Ecologia e Recursos Naturais (UFSCAR). Professor titular (IFMA), São Luís, Maranhão, Brasil. **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-1420-1642> **Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/873848806337904> **E-mail:** naiza@ifma.edu.br

³ Mestra em Ciências Biológicas. Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA). Professora EBTT (IFMA), Zé Doca, Maranhão, Brasil. **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-1400-6193>. **Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/3592921988009809>.

E-mail: josilene.pereira@ifma.edu.br.

⁴ Doutoranda em Ensino pela Rede Nordeste de Ensino, Universidade Estadual do Maranhão (RENOEN/UEMA). Mestre em Agroecologia (UEMA). Endereço: São Luís –Maranhão, Brasil. **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-1051-3323>. **Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/7546910257616366>. **E-mail:** prof.rafaellasouza@gmail.com.

Ethnobotanical Contributions on the Use of Plants by Healers

ABSTRACT

Healers use prayers and plants to perform blessings, aiming to cure physical and spiritual illnesses. This ethnobotanical study investigated the most commonly used plants in the blessing practice in the municipality of Morros, Maranhão, Brazil, and documented aspects of this tradition. Data collection was carried out using the snowball technique and interviews. The most cited plants were: *Scoparia dulcis* L., *Ricinus communis* L., *Astronium urundeava* (M.Allemão) Engl., *Jatropha gossypiifolia* L., *Capsicum frutescens* L., *Luehea divaricata* Mart., and *Euterpe oleracea* Mart. Most interviewees were male, farmers, over 50 years old, and possessed extensive knowledge about blessings and medicinal and religious plants. A decline in young people's interest in the practice of blessing was observed, with knowledge transmission occurring predominantly orally, usually by women in the family. The study highlighted the importance of traditional knowledge and the cultural meanings attributed to plants by local communities.

Keywords: Blessings; Maranhão; Medicinal flora; Traditional knowledge;

Contribuciones etnobotánicas sobre el uso de plantas por curanderos

RESUMEN

Los curanderos y curanderas utilizan oraciones y plantas para realizar bendiciones, con el objetivo de curar enfermedades físicas y espirituales. Este estudio etnobotánico investigó las plantas más utilizadas en la práctica de la bendición en el municipio de Morros, Maranhão, Brasil, y documentó aspectos de esta tradición. La recopilación de datos se realizó mediante la técnica de bola de nieve y entrevistas. Las plantas más citadas fueron: *Scoparia dulcis* L., *Ricinus communis* L., *Astronium urundeava* (M.Allemão) Engl., *Jatropha gossypiifolia* L., *Capsicum frutescens* L., *Luehea divaricata* Mart. y *Euterpe oleracea* Mart. La mayoría de los entrevistados eran hombres, agricultores, mayores de 50 años, poseedores de un amplio conocimiento sobre bendiciones y plantas medicinales y religiosas. Se observó una disminución del interés de los jóvenes por la práctica de la bendición, cuya transmisión ocurre predominantemente de forma oral, generalmente por mujeres de la familia. El estudio evidenció la importancia de los conocimientos tradicionales y los significados culturales atribuidos a las plantas por las comunidades locales.

Palabras clave: Bendiciones; Maranhão; Flora medicinal; Conocimiento tradicional;

INTRODUÇÃO

Os usos medicinais e religiosos se configuram dentro de um sistema saúde-doença, e de um sistema sagrado-místico estabelecido pelas relações entre as comunidades tradicionais e a flora (GOMES *et al.*, 2008; ALBUQUERQUE *et al.*, 2022).

Na complexidade e diversidade das comunidades e povos tradicionais, estão mulheres benzedeiras ou homens benzedeiros, que curam doenças ou enfermidades por intermédio de orações, preces e remédios naturais (DE MOURA, 2011). No Brasil, o benzimento ou benzedura iniciou-se no século XVIII, ainda no período colonial (NOGUEIRA *et al.*, 2012; MARIN & SCORSOLINI-COMIN, 2017), podendo ser definido como uma atividade terapêutica por meio de um vínculo duplo entre o(a) benzedeiro(a) e a pessoa que o(a) procura (QUINTANA, 1999).

Durante seus atendimentos os(as) benzedeiros/benzedeiras utilizam-se de plantas que podem ser empregadas como objetos mágicos de proteção ou como uma alternativa medicamentosa que auxiliará na cura de enfermos físicos ou espirituais (DE AZEVEDO, 2016).

Conhecidos como “especialistas” ou “médicos”, acabam sendo a única via para tratamentos de saúde, principalmente onde não há centros de atendimento hospitalar (MACIEL & GUARIM NETO, 2006). Essa presença e ação dos(as) benzedeiros(as) é influenciada em alguns casos pela indisponibilidade de fármacos, por questões relacionadas à pobreza e ao sincerismo religioso (MARIN & SCORSOLINI-COMIN, 2017).

No estado do Maranhão, pesquisas etnobotânicas perpassam por variados temas, sejam elas realizadas em comunidades tradicionais agrícolas (REGO *et al.*, 2016; SILVA *et al.*, 2025), comunidades indígenas (COUTINHO *et al.*, 2002), quilombolas (MONTELES & PINHEIRO 2007; NASCIMENTO & CONCEIÇÃO, 2011), ribeirinhos/pescadores (SILVA *et al.*, 2022), usos e comercialização das plantas medicinais (PINHO *et al.*, 2012; LINHARES *et al.*, 2014; PENIDO *et al.*, 2016; GONÇALVES *et al.*, 2018; FALCÃO *et al.*, 2022). Quando nos referimos as pesquisas sobre a utilização de plantas por benzedeiros(as) no território maranhense, foram detectados dois estudos, um com quilombolas do município de Anajatuba (RABELO *et al.*, 2022) e uma análise geocultural na cidade de Codó (CARVALHO, 2023).

Desta maneira, este trabalho buscou investigar o saber etnobotânico e tradicional de benzedeiros e benzedeiras do município de Morros – MA, relacionado às espécies vegetais medicinais/religiosas mais utilizadas, traçar o perfil socioeconômico, averiguar a origem e se há riscos de perda do conhecimento tradicional relacionado ao ato de benzer.

MATERIAL E MÉTODOS

Área de estudo

A cidade de Morros está inserida na mesorregião Norte Maranhense, dentro da Microrregião do Munim (Figura 1), com uma área territorial de 1.712 km², aproximadamente 18.554 habitantes, caracterizada por uma vegetação de transição com características dos biomas Amazônia e Cerrado (SPINELLI-ARAUJO *et al.*, 2016; IBGE, 2022).

Figura 1 - Mapa do Brasil, com destaque no estado do Maranhão e no município de Morros.



Fonte: Autores, 2025.

Reconhecimento da área e dos benzedeiros

Esta pesquisa iniciou-se com uma ambientação dos pesquisadores no local de estudo, por meio da realização de conversas informais com os(as) benzedeiros(as), entre os meses de

março e abril de 2022. O reconhecimento, teve como finalidade entender a organização social, identificar os(as) benzedeiros(as) do município e viabilizar uma aproximação para que os pesquisadores fossem previamente aceitos pelos participantes da pesquisa. A qualidade dos dados obtidos depende da inter-relação sujeito e pesquisador (RIBEIRO *et al.*, 2013).

Abordagem qualitativa

Durante a pesquisa foi utilizado o método qualitativo para coleta dos dados, juntamente ao público-alvo da pesquisa. Tal método configura o lócus da pesquisa como uma fonte direta de dados, a partir de uma aproximação do pesquisador com as impressões que os participantes têm dos fatos estudados, por meio da observação das ações humanas e sua interpretação (TEIS & TEIS, 2006; ALBUQUERQUE *et al.*, 2010).

Entrevistas

As entrevistas ocorreram de maio a julho de 2022 (Figura 2 A, B), realizadas de forma dialógica, como base em um roteiro semiestruturado com dez perguntas sobre aspectos socioeconômicos e etnobotânicos. Para o conhecimento das espécies vegetais utilizadas pelos(as) benzedeiros(as), aplicou-se a técnica da listagem livre (*freelist*) em uma das perguntas do questionário-guia (SMITH, 1993; ALBUQUERQUE *et al.*, 2010).

Adicionalmente, durante as entrevistas, foi empregada a metodologia “Bola-de-neve” (BERNARD, 1988), na qual se inicia o contato com uma pessoa, que pode ser observada ou entrevistada, e este indivíduo, por sua vez, indica outros informantes, formando assim uma cadeia de referências para a coleta de dados (BAILEY, 1994).

Figura 2 – Aplicação do questionário aos benzedeiros.



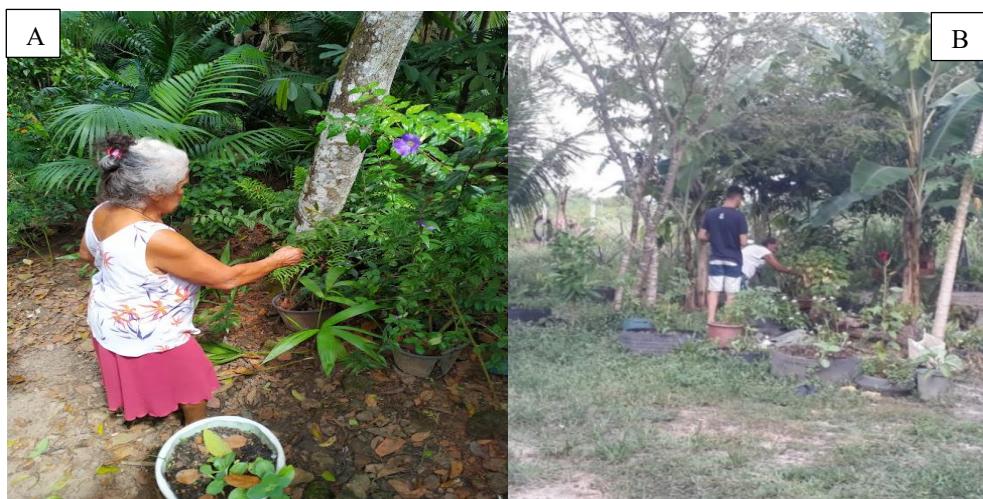
Fonte: Autores, 2025.

Coleta e identificação botânica

Aplicou-se ainda a técnica da turnê-guiada (ALBUQUERQUE *et al.*, 2014) nos quintais e matas para observação, fotografia e coleta, quando possível, das espécies citadas nas entrevistas. Durante as caminhadas, os(as) benzedeiros(as) indicavam as plantas que usavam, pelo nome popular e o modo de uso (Figura 3 A, B).

A identificação das plantas foi feita com base em bibliografia especializada (LORENZI & MATOS, 2008; BERG, 2010; LORENZI, 2020), além de comparação com espécimes disponíveis nas plataformas Flora e Funga do Brasil (2025) e Tropicos (2025). O preparo das exsicatas foi realizado no Laboratório de Biologia do Instituto Federal do Maranhão – Campus São Luís Monte Castelo.

Figura 3 – Aplicação do método de turnê-guiada nos quintais das benzedeiras.



Fonte: Autores, 2025.

Aspectos éticos

Para atender as instruções da Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Ética e Pesquisa para estudos etnodirigidos, todas as pessoas que foram entrevistadas durante o desenvolvimento da pesquisa assinaram um Registro de Consentimento Livre e Esclarecido (RCLE). A Pesquisa foi submetida para apreciação na Plataforma Brasil com parecer aprovado, pelo Comitê de ética da Unidade de Ensino Superior Dom Bosco – UNDB, CAAE: 57619522.2.0000.8707.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dados socioeconômicos

Foram entrevistados 10 (dez) benzedeiros, 06 (seis) do sexo masculino e 04 (quatro) do sexo feminino. Em outro estudo com benzedeiros no Maranhão, também há a preponderância do sexo masculino (RABELO *et al.*, 2022). Embora outras pesquisas indiquem que práticas religiosas de benzimento, manejo e conhecimento de espécies vegetais são frequentemente associados a mulheres (MONTELES & PINHEIRO, 2007; XAVIER & LIMA, 2020; SOUSA *et al.*, 2021; SILVA & ZANK, 2022), a amostra da presente pesquisa contradiz esses dados. Essa divergência é atribuída ao fato de que os entrevistados, ao indicarem novos participantes, mencionaram principalmente benzedeiros. A preponderância masculina pode estar relacionada a questões de gênero e ao papel das mulheres nos espaços de cura, que muitas vezes são

subestimados devido a estruturas patriarcais, controle na produção e reprodução de saberes e conservadorismo cultural (VIU *et al.*, 2010; VIEIRA & MILWARD-DE-AZEVEDO, 2018).

A faixa-etária concentrou-se principalmente entre 50 e < 55 anos (50%), seguida pelas faixas de 40 a 45 anos (40%) e de 30 a 35 anos (10%). Observa-se, portanto, que a maioria dos participantes possui idade adulta e detém um amplo repertório de conhecimentos tradicionais, corroborando com estudos anteriores (SCHARDONG & CERVI, 2000; GONÇALVES *et al.*, 2018; GUARÇONI *et al.*, 2020).

Quanto à raça/cor, 70% se autodeclararam pretos. No que diz respeito à profissão, 90% são lavradores, ou seja, trabalham em atividades agrícolas (roças). Esse envolvimento com a agricultura proporciona um contato mais frequente com espécies vegetais, favorecendo um conhecimento etnobotânico mais aprofundado. Consequentemente, o domínio sobre as plantas influencia diretamente a escolha e o uso de determinadas plantas nos rituais de benzimentos (VIEIRA *et al.*, 2015).

No tocante à religião, todos os informantes são católicos. A prática da benzedura está fortemente relacionada com as representações do catolicismo, uma vez que os(as) benzedeiros/benzedeiras utilizam elementos dessa tradição religiosa, santos, orações e preces, durante os tratamentos e rituais. Tais procedimentos, que envolvem o uso de plantas, possuem um caráter sagrado, e são permeados por diferentes visões de crença, atuando no processo de recuperação da pessoa benzida (CAMARGO, 2011; CÂMARA, 2020).

Dados etnobotânicos

No total foram citadas pelos(as) benzedeiros(as) 36 espécies pertencentes à 35 gêneros e 24 famílias botânicas. As espécies mais mencionadas e utilizadas, levando-se em consideração seus potenciais medicinais e religiosos foram *Scoparia dulcis* L. (vassourinha, 16,67%), *Astronium urundeuva* (M. Allemão) Engl. (aroeira, 13,89%), *Ricinus communis* L. (mamona, 13,89%), *Jatropha gossypiifolia* L. (pião-roxo, 11,11%), *Capsicum frutescens* L. (pimenta-malagueta, 11,11%), *Luehea divaricata* Mart. (açoita-cavalo, 8,33%) e *Euterpe oleracea* Mart. (juçara ou açaí, 8,33%) (TABELA 1).

Tabela 1 - Levantamento etnobotânico das plantas medicinais e religiosas mais utilizadas e citadas pelos(as) benzedeiros(as) da cidade de Morros - Maranhão, Brasil.

Família	Espécie	Nome popular	Nº de citações	Indicação de uso
Plantaginaceae	<i>Scoparia dulcis</i> L.	vassourinha	6	Benzimento contra quebrante e mau olhado; Pedras nos rins.
Euphorbiaceae	<i>Ricinus communis</i> L.	mamona	5	Benzimento contra quebrante e mau olhado.

Anacardiaceae	<i>Astronium urundeuva</i> (M. Allemão) Engl.	aroeira	5	Dores no corpo, fraqueza, anti-inflamatório, cicatrizante, infecção urinária.
Euphorbiaceae	<i>Jatropha gossypiifolia</i> L.	pião-roxo	4	Benzimento contra quebrante e mau olhado.
Solanaceae	<i>Capsicum frutescens</i> L.	pimenta-malagueta	4	Benzimento contra quebrante e mau olhado.
Malvaceae	<i>Luehea divaricata</i> Mart.	açoita-cavalo	3	Benzimento contra fraqueza, “expulsa as coisas ruins do corpo”, problemas de menstruação, corrimento vaginal, anti-inflamatório.
Arecaceae	<i>Euterpe oleracea</i> Mart.	juçara, açaí	3	Inflamação no útero, problemas de menstruação, anemia, pedras nos rins, “mijadeira”.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

A espécie mais citada nos rituais de benzimento foi a vassourinha (*S. dulcis*), empregada tanto no tratamento de doenças físicas, como “pedra nos rins”, quanto em questões espirituais, como “quebrante” e “mau-olhado”. Rabelo *et al.*, (2022), em estudo realizado com benzedores quilombolas no Maranhão, também identificaram o uso de *S. dulcis* para combater o quebrante e mau-olhado. Entre o povo Pykahu, no Amazonas, a vassourinha é utilizada em benzimentos com o objetivo de reestabelecer a saúde (STRACHULSKI *et al.*, 2021). De modo semelhante, Do Bomfim Costa *et al.*, (2006) apontam o emprego de ramos de vassourinha, em benzimentos. Gomes Bastos *et al.*, (2024), em um estudo sobre os rituais de benzimento no Parque Nacional da Chapada Diamantina - Bahia, apontam igualmente a utilização de *S. dulcis*. Populações de outras partes do Mundo, também relatam a utilização dessa espécie para fins mágicos e espirituais (DOSSOU-YOVO *et al.*, 2021).

Durante as entrevistas, os(as) benzedeiros(as) relataram que quebrante e mau-olhado, são considerados a mesma coisa e têm como causa principal “a inveja dos outros”. Na visão de alguns, o quebrante ou mau-olhado manifesta-se quando a pessoa apresenta sintomas como a

vista baixa, sonolência, cansaço e bocejo frequente. Benzedores da Paraíba, também relatam que o mau-olhado e quebrante são equivalentes, sendo caracterizados por um mal-estar tanto físico quanto espiritual (DE OLIVEIRA & TROVÃO, 2009).

A mamona (*R. communis*), espécie exótica, também foi citada para tratamento contra quebrante. Zank & Hanazaki (2016), ao investigaram as práticas de cura em três comunidades rurais do Ceará, revelam a preferência dos curandeiros por essa espécie em práticas medicinais de benzeção. Igualmente, Correa Chagas *et al.*, (2016), destacam a utilização da mamona na prática de benzimento em uma comunidade remanescente de quilombo em Mato Grosso do Sul. Nogueira *et al.*, (2012), exemplificam esta planta como um objeto ritualístico, onde o ramo após a benzeção, ao secar por completo, seca-se também a inflamação no corpo. No benzimento contra o “mau-olhado”, acredita-se que a inveja e tudo que estiver no corpo do cliente passa para o ramo de *R. communis*.

Conhecida popularmente também como aroeira, *A. urundeuva* é uma espécie nativa do Brasil, com ampla distribuição em diferentes biomas, utilizada dentro de contextos populares medicinais e econômicos, principalmente como recurso madeireiro (PAREYN *et al.*, 2018; LORENZI, 2020; DE SOUZA NASCIMENTO *et al.*, 2022). *A. urundeuva* apresentou uma versatilidade de aplicações pelos(as) benzedeiros(as) para tratamento contra doenças físicas. Outros estudos destacam a utilização medicinal dessa espécie como anti-inflamatório ou cicatrizante, o que demonstra uma semelhança de usos apontados nesta pesquisa (ARAÚJO *et al.*, 2021; MESSERSCHMIDT *et al.*, 2023; LINHARES *et al.*, 2014; BEZERRA *et al.*, 2016).

Indicado pelos(as) benzedeiros(as) para tratamento contra o quebrante e o mau-olhado, o Pião-roxo (*J. gossypiifolia*) é uma espécie tropical e subtropical cujo gênero apresenta ampla distribuição na África, Américas e Ásia, sendo muito utilizado na medicina tradicional dessas regiões (FÉLIX-SILVA *et al.*, 2014). Outros trabalhos apontam além do uso medicinal, também o poder ritualístico e mágico dessa planta contra esses males, por populações do nordeste brasileiro (AMOROZO & GÉLY, 1988; DI STASI & HIRUMA-LIMA, 2002; CREPALDI *et al.*, 2016; ZANK *et al.*, 2016).

Descrita por Lineu em 1937, *C. frutescens* (pimenta-malagueta), espécie de importância comercial e medicinal apresenta indícios de domesticação por populações indígenas da América Central, Caribe e Amazônia há pelo menos um milênio (SMITH & HEISER, 1951; JARRET *et al.*, 2007; KOFFI-NEVRY *et al.*, 2012; BROWN *et al.*, 2013; NASCIMENTO *et al.*, 2014). Pagnocca *et al.*, (2020), ao realizar um levantamento etnobotânico de plantas ritualísticas em religiões afro-brasileiras, também reporta uma semelhança de uso, no qual a pimenta-malagueta possui um uso litúrgico medicinal de proteção. De acordo com Pires (2009), a prática do benzimento, é caracterizada por atribuir significados religiosos e sagrados em algumas plantas, para cura de enfermidades da alma.

Conhecida popularmente como açoita-cavalo (*L. divaricata*) é utilizada para “expulsar as coisas ruins do corpo” como relatou um benzedeiro. Outros usos medicinais foram atribuídos à esta espécie, sendo utilizada como anti-inflamatório e para problemas menstruais. Outros estudos sobre plantas medicinais no estado do Maranhão, indicam usos semelhantes para a espécie (PENIDO *et al.*, 2016; DO CARMO LOCH *et al.*, 2017). Ensaios clínicos apontam o

potencial biológico e propriedades anti-inflamatórias de *L. divaricata* (ROSA *et al.*, 2014; GARCIA-MANIERI *et al.*, 2022).

Amplamente distribuída e apreciada pelas populações amazônicas, a juçara ou açaí (*E. oleracea*), constitui uma importante rede sociobiológica que é construída por diversos usos e significados atribuídos à esta espécie (PONTES, 2013; CHAVES *et al.*, 2015). Os(as) benzedeiros(as) do município de Morros, mencionaram a utilização para doenças inflamatórias (endometrite), doenças renais, problemas do ciclo menstrual, anemia e problemas urinários. Rego *et al.*, (2016), em um levantamento etnobotânico na comunidade tradicional do assentamento Pedra Suada, do município de Cachoeira Grande, Maranhão, citam a juçara como uma planta que tem indicação para doenças associadas ao sangue (anemia). Estudos *in vitro* e *in vivo* sugerem diversas aplicabilidades de bioproductos derivados de *E. oleracea* para tratamento de problemas inflamatórios, antibacterianos, atividades cancerígenas e antivirais (DE CARVALHO *et al.*, 2025; PREVITALLI-SILVA *et al.*, 2024).

A utilização dessas espécies, destaca a benzeção como uma prática de cura alternativa que há muito permeia as diversas comunidades tradicionais do Brasil, que além de possuírem um conhecimento médico tradicional, empregam significados e simbologias a partir das relações estabelecidas com o corpo físico, espiritual e a natureza (DE MOURA, 2009; QUINTANA, 1999).

Origem do conhecimento sobre a benzeção e o uso das plantas

A figura feminina dentro de contextos familiares foi a maior fonte de conhecimentos relacionados ao ato de benzer e à utilização de plantas. Torres-Avilez *et al.*, (2016), destacam que geralmente as mulheres possuem um conhecimento mais amplo sobre plantas medicinais. Historicamente, o ato de benzer tem uma maior influência feminina onde o compartilhamento do conhecimento tradicional é feito de maneira oral entre as gerações, e através de ensinamentos e observações de outro(a) benzedeiro(a) (MACIEL & GUARIM NETO, 2006; LEMOS, 2010; DE MOURA, 2011).

O perigo de que a prática da benzeção seja perdida

A análise de alguns relatos (TABELA 2), evidencia o medo e preocupação da benzeção e dos conhecimentos sobre plantas medicinais desaparecerem. O desinteresse da nova geração em aprender sobre o ato de benzer e a preferência por remédios sintéticos, são os principais fatores relatados pelos(as) benzedeiros(as). Ferrão *et al.*, (2014), ao analisarem a importância do conhecimento tradicional em comunidades de Minas Gerais, Brasil, também apontaram o déficit de relevância dado aos conhecimentos tradicionais pelos jovens da comunidade.

Tabela 2 - Relatos sobre o risco da benzeção desaparecer.

Benzedeiro(a)	Relato
A, 44 anos	“Sim, o povo quer saber é de remédio da farmácia, não querem remédio do mato ou de benzimento”
E, 35 anos	“Sim a geração mais nova não se interessa então vai se perder”

J.G, 55 anos	<i>“Sim e o pessoal de hoje em dia não procura mais remédio do mato é só na farmácia, por isso que morre muita gente”</i>
L, 68 anos	<i>“Acho que sim, os velhos que sabem estão morrendo e os mais novos não se importam em aprender sobre os benzimentos, remédios de plantas”</i>
M, 74 anos	<i>“Eu acho que sim meu filho, o povo não se interessa. Antigamente não tinha essa coisa de ir pra hospital levar os filhos, a gente dava era remédio do mato. E os mais velhos que sabem benzer estão morrendo e os mais novos não querem saber de aprender”</i>
J, 76 anos	<i>“Meu filho eu acho que não vai mais existir, ninguém mais gosta de remédio de mato e esse pessoal mais novo só quer saber de outras coisas”</i>

Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

A dificuldade em preservar a transmissão do saber tradicional é acentuada pela idade avançada dos detentores desses conhecimentos, que deixam de transmiti-los oralmente devido à falta de interesse dos jovens (MARÍN, 2014). Esse desinteresse é influenciado pela globalização e modernização cultural, que acabam dificultando e levando ao desprezo por esses conhecimentos. Silveira e Bazzo (2006), reforçam a ideia de que a tecnologia, enquanto fenômeno social, altera as relações entre seres humanos e meio ambiente que o cerca. O desinteresse dos mais jovens em aprender e assim manter esse conhecimento tradicional vivo é um fator que pode influenciar no desaparecimento dessas práticas e sabedorias tradicionais, uma vez que esse conhecimento é resultado da socialização de uma determinada população com a riqueza e biodiversidade da natureza (DA SILVA BORGES *et al.*, 2009; RODRÍGUEZ & ROBINEAU-GERMOSÉN, 2009).

CONCLUSÃO

O uso de plantas por benzedeiros e benzedeiras configura-se como um importante instrumento para a preservação do conhecimento tradicional, evidenciando a continuidade e o valor cultural atribuídos às espécies vegetais. No entanto, observa-se uma clara erosão desse saber entre as gerações mais jovens, resultado da desvalorização dessa prática ancestral. Essa possível perda representa um risco significativo, pois o benzimento envolve múltiplos usos de plantas, tanto medicinais quanto místicas, especialmente para o tratamento de enfermidades.

Este estudo reforça a relevância das pesquisas etnobotânicas para ampliar o entendimento das interações entre comunidades tradicionais e os diversos usos das plantas. Ressalta-se que investigações nessa área são fundamentais para valorização desses saberes, ao mesmo tempo em que revelam os significados culturais e a importância da biodiversidade florística regional para as populações humanas.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, U.P; LUCENA, R.F.P; CUNHA, L.V.F.C. **Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica**. Recife, PE: NUPEA, 2010.

ALBUQUERQUE, U.P.; RAMOS, M.A.; LUCENA, R.F.P.; ALENCAR, N.L. Methods and Techniques Used to Collect Ethnobiological Data. In: ALBUQUERQUE, U.P; CUNHA, L.V.F.; L.V.F.; LUCENA; ALVES, R.R.N. **Methods and Techniques in Ethnobiology and Ethnoecology**. Humana press, 2014.

ALBUQUERQUE, U. P.; JÚNIOR, W. S. F.; RAMOS, M. A.; DE MEDEIROS, P. M. **Introdução à etnobotânica**. Interciencia, 2022.

AMOROZO, M.C.M.; GÉLY, A.L. Uso de plantas medicinais por caboclos do baixo Amazonas, Barcarena, PA, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Série Botânica 4(1):47-131. 1988.

ARAÚJO, A.; RODRIGUES, E.; MOURA, D. Etnobotânica das plantas medicinais no município de Parari, Paraíba, Brasil. **Geosul**. 36. 659-679, 2021. 10.5007/2177-5230.2021.e67196

BAILEY, K. **Methods of social research**. 4^a ed. New York: The Free Press, 588p. 1994.

BERG, M. E. V. D. **Plantas medicinais na Amazônia: contribuição ao conhecimento sistemático**. 3 ed. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. p.268. 2010.

BERNARD, H. R. **Research methods in cultural anthropology**. Newbury Park, SAGE Publications. 1988.

BEZERRA, E. S. et al. Plantas medicinais para uso humano. In: BARACUHY, J. G. de V. et al (org.). **Plantas medicinais de uso comum no Nordeste do Brasil**. 2. ed. rev. Campina Grande, PB: EDUFCG, 205p. 2016.

BROWN, C. H.; CLEMENT, C. R.; EPPS, P.; LUEDELING, E.; WICHMANN, S. The Paleobiolinguistics of Domesticated Chili Pepper (*Capsicum* spp.). **Ethnobiology Letters**, v. 4, p. 1-11, 2013. <http://www.jstor.org/stable/26423551>

CAMARGO, M. T. L. de A. A garrafada na medicina popular: uma revisão historiográfica. **Dominguezia**, v. 27, n. 1, p. 41–49, 2011.

CÂMARA, Y. R. A Cura por Meio da Benzeção Feminina: Um Estudo de Caso com uma Rezadeira de Fortaleza. **Rev. do GELNE**, Natal, RN, v. 22, n. 2, p. 189-201, 2020.

CARVALHO, P. D. S. D. **Território de benzimentos e cura do povoado Km 17, Codó-MA: uma análise Geocultural.** Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Geografia, Natureza e Dinâmica do Espaço – Universidade Estadual do Maranhão, 2023.

CHAVES, G. P.; FURTADO, L. G.; CARDOSO, D. M.; SOUSA, F. D. A importância sociocultural do açaí (*Euterpe oleracea* Mart.) na Amazônia brasileira. **Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales**, n. 29, 2015.

CORREA CHAGAS, M. C.; DE ANDRADE, M. G.; DA COSTA, R. B.; DE SOUZA PERRELLI, M. A. A prática de benzimento com uso de plantas na comunidade rural remanescente de quilombo de Furnas do Dionísio, Jaraguari, Mato Grosso do Sul. **Multitemas**, [S. l.], n. 35, 2016. DOI: 10.20435/multi.v0i35.860.

COUTINHO, D. F.; TRAVASSOS, L. M. A.; AMARAL, F. M. M do. Estudo etnobotânico de plantas medicinais utilizadas em comunidades indígenas no estado do Maranhão–Brasil. **Visão Acadêmica**, v. 3, n. 1, p. 7-12, 2002.

CREPALDI, C. G.; CAMPOS, J. L. A.; ALBUQUERQUE, U. P.; SALES, M. F. Richness and ethnobotany of the family Euphorbiaceae in a tropical semiarid landscape of Northeastern Brazil. **South African Journal of Botany**, 102, 157-165, 2016.

DA SILVA BORGES, M.; SHIMIZU, H. E.; PINHO, D. L. M. Representações sociais de parteiras e benzedeiras sobre o cuidado. **Cienc Cuid Saude**, v. 8, n. 2, p. 257-263, 2009.

DE AZEVEDO, G. X. As Relações entre a Cultura Popular e as Benzedeiras. **Revista Fragmentos de Cultura-Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas**, v. 26, n. 2, p. 231-238, 2016.

DE CARVALHO, L. G.; DE CARVALHO, A. P. A.; CONTE-JUNIOR, C. A. Bioactive Compounds, Antimicrobial Properties of Açaí (*Euterpe oleracea* Mart.) and its Processing Residues–Insights for Smart Packaging and Green Chemistry. **Biocatalysis and Agricultural Biotechnology**, p. 103540, 2025.

DE MOURA, E. C. D. **Entre ramos e rezas: o ritual de benzeção em São Luiz do Paraitinga, de 1950 a 2008.** São Paulo, 2009.

_____. Eu te benzo, eu livro, eu te curo: nas teias do ritual de benzeção. **Mneme-Revista de Humanidades**, v. 12, n. 29, 2011.

DE OLIVEIRA, É. C. S.; TROVÃO, D. M. de B. M. O uso de plantas em rituais de rezas e benzeduras: um olhar sobre esta prática no estado da Paraíba. **Revista brasileira de Biociências**, v. 7, n. 3, 2009.

DE SOUZA NASCIMENTO, A. V.; DAS CHAGAS MENDONÇA, A. M.; SANTOS, P. A. A.; DE SANTANA, M. C. O que sabemos sobre as sementes de Astronium urundeava (M. Allemão) Engl.(Anacardiaceae)? Revisão sobre uma espécie ameaçada e com importância socioeconômica. **Biodiversidade Brasileira**, v. 12, n. 4, 2022.

DI STASI, L.C.; HIRUMA-LIMA, C.A. **Plantas medicinais na Amazônia e na Mata Atlântica**. 2.ed. São Paulo: UNESP, 604 p. 2002.

DO BOMFIM COSTA, L. C.; ROCHA, E. A.; SILVA, L. A. M.; JARDIM, J. G.; DA COSTA SILVA, D.; DE OLIVEIRA GAIÃO, L.; MOREIRA, R. D. C. T. Levantamento preliminar das espécies vegetais com potencial econômico no Parque Municipal da Boa Esperança, Ilhéus, Bahia, Brasil. **acta farmacéutica bonaerense**, v. 25, n. 2, p. 184-91, 2006.

DO CARMO LOCH, V.; DE CARVALHO MARQUES, G. E.; ROCHA, A. E.; NASCIMENTO, D. S. B.; DE ALMEIDA COSTA, M. C. C. Estudo de recursos genéticos vegetais para fins medicinais em áreas de transição no estado do Maranhão, Brasil. **Revista de Biologia Neotropical**. v. 14, n. 1, p. 45-55, 2017.

DOSSOU-YOVO, H. O.; KINDOMIHOU, V.; VODOUHÈ, F. G.; SINSIN, B. Assessment of the Diversity of Medico-Magic Knowledge on Four Herbaceous Species in Benin. **The Scientific World Journal**, v. 2021, n. 1, p. 6650704, 2021.

FALCÃO, J.G; MARINHO, L.; ZANANDREA, I. Uso medicinal de plantas no povoado Muquila, Arari, Maranhão - um estudo etnobotânico. **Ethnoscientia - Brazilian Journal of Ethnobiology and Ethnoecology**. v. 7, n. 1, p. 67-87, 2022.

FÉLIX-SILVA, J.; GIORDANI, R. B.; SILVA-JR, A. A. D.; ZUCOLOTTO, S. M.; FERNANDES-PEDROSA, M. D. F. *Jatropha gossypiifolia* L.(Euphorbiaceae): a review of traditional uses, phytochemistry, pharmacology, and toxicology of this medicinal plant. **Evidence-Based Complementary and Alternative Medicine**, 2014 (1), 369204.

FERRÃO, B. H.; DE OLIVEIRA, H. B.; DE FÁTIMA MOLINARI, R.; TEIXEIRA, M. B.; FONTES, G. G.; AMARO, M. D. O. F.; DE CARVALHO, C. A. Importância do conhecimento tradicional no uso de plantas medicinais em Buritis, MG, Brasil. **Ciência e Natura**, v. 36, p. 321-334, 2014.

FLORA E FUNGA DO BRASIL. Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2025. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>

GARCIA-MANIERI, J. A.; CORREA, V. G.; CORRÊA, R. C. G.; DIAS, M. I.; CALHELHA, R. C.; IVANOV, M.; PERALTA, R. M. Polyphenolic profile and pharmacological activities of

whips horse (*Luehea divaricata*) bark extracts studied using in vitro and in vivo systems. **Biocatalysis and Agricultural Biotechnology**, v. 45, p. 102530, 2022.

GONÇALVES, M. M. M.; CAJAIBA, R. L.; SANTOS, W. B.; SOUSA, E. S.; MARTINS, J. S. C.; PEREIRA, K. S.; SOUSA, V. A. Estudo etnobotânico do conhecimento e uso de plantas medicinais em Santa Luzia, Maranhão, Brasil. **Revista Ibero Americana de Ciências Ambientais**, v.9, n.5, p.12-21, 2018.

GOMES BASTOS, N.; MARTINS DE ANDRADE, W.; BATISTA SANTOS, C. A.; DE SOUZA NOGUEIRA, E. M. Parque Nacional da Chapada Diamantina: Etnobotânica do Benzimento e a Cura pelas Plantas. **Revista Semiárido De Visu**, [S. l.], v. 12, n. 3, p. 1321–1334, 2024. DOI: 10.31416/rsdv.v12i3.944.

GOMES, H. H. S.; DANTAS, I. C.; C., M. H. C. V. Plantas medicinais: sua utilização nos terreiros de umbanda e candomblé na zona leste de cidade de Campina Grande-PB. **Revista de Biologia e Farmácia**, v. 3, n. 1, p. 110-129, 2008.

GUARÇONI, E. A. E.; COSTA, D. M. T.; ARAÚJO, V. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais utilizadas no Quilombo Piratinha, município de Bacabal, Maranhão, Brasil. **Revista Cubana de Plantas Medicinales**, v. 25, n. 3, e858, 2020.

IBGE. Panorama do Censo 2022 (Morros-MA). Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2022. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>.

JARRET, R. L.; BALDWIN, E.; PERKINS, B.; BUSHWAY, R.; GUTHRIE, K. Diversity of Fruit Quality Characteristics in *Capsicum frutescens*. **HortScience horts**, 42(1), 16-19, 2007, <https://doi.org/10.21273/HORTSCI.42.1.16>

KOFFI-NEVRY, R.; KOUASSI, K. C.; NANGA, Z. Y.; KOUSSÉMON, M.; LOUKOU, G. Y. Antibacterial activity of two bell pepper extracts: *Capsicum annuum* L. and *Capsicum frutescens*. **International journal of food properties**, 15(5), 961-971, 2012.

LEMOS, C. T. O perfil de uma benzedeira: aliança entre chás, “provas” e partos no cotidiano da vida camponesa. In: AUGUSTO, A. M. (Coord.). **Ainda o Sagrado Selvagem**. São Paulo: Fonte Editorial; Paulinas, 2010. p. 302-320.

LINHARES, J. F. P.; HORTEGAL, E. V.; DE ARAUJO RODRIGUES, M. I.; DA SILVA, P. S. S. Etnobotânica das principais plantas medicinais comercializadas em feiras e mercados de São Luís, Estado do Maranhão, Brasil. **Revista Pan-Amazônica de Saúde**, v. 5, n. 3, p. 8-8, 2014.

LORENZI H. Árvores Brasileiras: Manual de Identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil. vol.1. 5^a edição. Nova Odessa: Instituto Plantarum de Estudos da Flora Ltda, 381p. 2020.

LORENZI, H.; MATOS, A. Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas (2 ed.). Instituto Plantarum, 2008.

MACIEL, M. R. A.; GUARIM NETO, G. Um olhar sobre as benzedeiras de Juruena (Mato Grosso, Brasil) e as plantas usadas para benzer e curar. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 1, p. 61-77, 2006.

MARÍN, J. Globalização, educação e diversidade cultural. **Tellus**, n. 11, p. 35-60, 2014.

MARIN, R. C.; SCORSOLINI-COMIN, F. Desfazendo o “Mau-olhado”: Magia, Saúde e Desenvolvimento no Ofício das Benzedeiras. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 37, n. 2, p. 446–460, abr, 2017.

MESSERSCHMIDT, L.; SILVA, R. A. P. da; CABRAL SALES DE MELO, M. R. Uso de plantas medicinais pela comunidade do distrito de Fazenda Nova, Brejo da Madre de Deus, PE, Brasil. **Diversitas Journal**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 817–838, 2023. DOI: 10.48017/dj.v8i2.2413

MONTELES, R.; PINHEIRO, C. U. B. Plantas medicinais em um quilombo maranhense: uma perspectiva etnobotânica. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**. v. 7, n. 2, p. 38-48, 2007.

NASCIMENTO, J.M.; CONCEIÇÃO, G.M. Plantas medicinais e indicações terapêuticas da comunidade quilombola Olho d’água do Raposo, Caxias, Maranhão, Brasil. **Revista de Biologia e Farmácia**, v.6, n.2, p.138-151, 2011.

NASCIMENTO, P. L. A.; NASCIMENTO, T. C. E. S.; RAMOS, N. S. M.; SILVA, G. R.; GOMES, J. E. G.; FALCÃO, R. E. A.; MOREIRA, K. A.; PORTO, A. L. F.; SILVA, T. M. S. Quantification, Antioxidant and Antimicrobial Activity of Phenolics Isolated from Different Extracts of Capsicum frutescens (Pimenta Malagueta). **Molecules**, 19(4), 5434-5447, 2014. <https://doi.org/10.3390/molecules19045434>

NOGUEIRA, L. C.; VERNONITO, S. M.; DAS DORES TRISTÃO, B. O dom de benzer: a sobrevivência dos rituais de benzeção nas sociedades urbanas–o caso do Município de Mara Rosa, Goiás, Brasil. **Élisée-Revista de Geografia da UEG**, 1(02), 167-182, 2012.

PAGNOCCA, T. S.; ZANK, S.; HANAZAKI, Na. “The plants have axé”: investigating the use of plants in Afro-Brazilian religions of Santa Catarina Island. **Journal of ethnobiology and ethnomedicine**, v. 16, p. 1-13, 2020.

PAREYN, F.G.C.; ARAÚJO, E.L.; DRUMMOND, M.A.; MIRANDA, M.J.A.C.; SOUZA, C.A.; SILVA, A.P.S.; BRAZOLIN, S.; MARQUES, K.K.M. Myracrodruon urundeuva – Aroeira, p. 766-772. In: CORADIN, L.; CAMILLO, J.; PAREYN, F.G.C. (orgs.). **Espécies Nativas da Flora Brasileira de Valor Econômico Atual ou Potencial - Plantas para o Futuro: Região Nordeste.** Brasília/DF. MMA, 1311p. 2018.

PENIDO, A. B.; MORAIS, S. M. de.; RIBEIRO, A. B.; SILVA, A. Z. Ethnobotanical study of medicinal plants in Imperatriz, State of Maranhão, Northeastern Brazil. **Acta Amazonica** [online].v. 46, n. 4, 2016.

PINHO, A.N.; NASCIMENTO, J.M.; SANTOS, F.J.L. dos; CONCEIÇÃO, G.M. Aspectos da comercialização de plantas medicinais por “raizeiros” no município de Caxias, Maranhão. **Revista de Biologia e Farmácia**, n.2, v.8, 2012.

PIRES, M.V.; ABREU, P.P.; SOARES, C.S.; SOUZA, B.; MARIANO, D.; SILVA, D.C.; ROCHA, E.A. Etnobotânica de terreiros de candomblé nos municípios de Ilhéus e Itabuna, Bahia, Brasil. **Revista Brasileira de Biociências**, v.7, n. 1, p. 3-8, 2009.

PONTES, R. X. **Assahy-yuricé, iassaí, oyasaí, quase, açãy, jussara, manacá, açaí, acayberry: rizoma**". 163f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais). Universidade Federal do Pará. Belém, 2013.

PREVITALLI-SILVA, H.; DE JESUS HARDOIM, D.; DE LUCENA BANAGGIA, R.; MORAGAS-TELLIS, C. J.; DOS SANTOS CHAGAS, M. D. S.; BEHRENS, M. D.; DE OLIVEIRA CARDOSO, F. Antioxidant and anti-inflammatory activity of *Euterpe oleracea* Mart. (Açaí) seed bioproducts. **Helijon**, v.10, n. 23, 2024.

QUINTANA, M. A. **A Ciência da Benzedura: mau olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise.** EDUSC. Bauru/SP. 1999.

RABELO, T. O.; ARAÚJO, R. I. S.; ALMEIDA JR, E. Plantas utilizadas por benzedores em quilombos do Maranhão, Brasil. **Etnobiología**, v. 20, n. 2, p. 20-39, 2022.

REGO, C. A. R. M.; ROCHA, A. E.; OLIVEIRA, C. A.; PACHECO, F. P. F. Levantamento etnobotânico em comunidade tradicional do assentamento Pedra Suada, do município de Cachoeira Grande, Maranhão, Brasil. **Acta Agron.** 65 (3) 284-291, 2016.

RIBEIRO, D V. de A.; AZEVEDO, R. C. S. de; TURATO, E. R. Por que é relevante a ambientação e a aculturação visando pesquisas qualitativas em serviços para dependência química?. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 18, n. 6, p. 1827-1834, 2013.

RODRÍGUEZ, F. M.; ROBINEAU-GERMOSÉN, L. Cuban collaboration with the Program for Applied Research and Diffusion of Medicinal Plants in the Caribbean (TRAMIL). **Revista Cubana Plantas Medicinales**. v. 14, n.4, 2009.

ROSA, R. L. D.; NARDI, G. M.; JANUÁRIO, A. G. D. F.; BOÇOIS, R.; BAGATINI, K. P.; BONATTO, S. J. R.; IAGHER, F. Anti-inflammatory, analgesic, and immunostimulatory effects of *Luehea divaricata* Mart. & Zucc. (Malvaceae) bark. **Brazilian Journal of Pharmaceutical Sciences**, 50(3), 599-610, 2014.

SCHARDONG, R. M. F.; CERVI, A. C. Estudos etnobotânicos das plantas de uso medicinal e místico na comunidade de São Benedito, Bairro São Francisco, Campo Grande, MS, Brasil. **Acta Biológica Paranaense**, v. 29, p. 187-217, 2000.

SILVA, A. J. P.; GOMES, W. C.; MOURA, W. P.; NASCIMENTO, J. P.; MORAIS, F. M.; DO CARMO LOCH, V.; NOGUEIRA, N. M. C.; RIBEIRO, T. S. M.; SOUSA, E. R.; MARTINS, J. S.; SARAIVA, R. V. C.; DE SOUZA, R. C. Ethnobotanical approach with fishermen about the use of aquatic plants found in the Pericumã river and in flooded areas in the Baixada Maranhense Environmental Protection Area (APA da Baixada Maranhense). **International Journal of Biological and Natural Sciences**, v. 2, p. 2-7, 2022.

SILVA, C. F.; ZANK, S. Entre a tradição e a modernidade: a relação entre as benzedeiras e as plantas medicinais em um centro urbano no sul do Brasil. **Ethnobotany Research and Applications**, 23, 1–12, 2022.

SILVA, J. L. A. da; LIMA, G. da C.; NOGUEIRA, F. da S.; SILVA, K. de M.; GONÇALVES, W. de C.; CARVALHO, N. P. de. Conhecimento local e as vias de transmissão cultural no uso de plantas medicinais no município de Buritirana, Maranhão. **Caderno Pedagógico**, [S. l.], v. 22, n. 1, p. e13280, 2025. DOI: 10.54033/cadpedv22n1-088

SILVEIRA, R. M.C.F; BAZZO, W. A. Ciência e Tecnologia: Transformando o homem e sua relação com o mundo. **Revista Gestão Industrial**, v. 2, n. 2, 2006.

SMITH, P. G.; HEISER, C. B. Taxonomic and Genetic Studies on the Cultivated Peppers, *Capsicum annuum* L. and *C. frutescens* L. **American Journal of Botany**, 38(5), 362–368, 1951. <https://doi.org/10.2307/2437824>

STRACHULSKI, J., FLORIANI, N., SILVA, A. D. A., MARETTO, L. C.; PARINTINTIN, S. O etnoconhecimento do povo Pykahu (Parintintin): a utilização de plantas e outros meios no processo de restabelecimento da saúde. **Confins. Revue franco-brésilienne de géographie/Revista franco-brasilera de geografia**, n. 52, 2021.

SMITH, J. J. Using ANTHROPAC 3.5 and a spreadsheet to compute a free-list salience index. **Cultural Anthropology Methods** 9(3): 8-12, 1993.

SOUSA M.C.; QUEIROZ G.S.; MORAIS, M.G.G.; ALBUQUERQUE, L.T.C.; MALHEIRO, D.R.; OLIVEIRA, C.D.M. Cura pela fé: as benzedeiras do Cariri Cearense/Healing by faith: the benzedeiras de Cariri Cearense. **Revista Multidisciplinar e de Psicologia** v.15, n.54, 2021.

SPINELLI-ARAUJO, L.; BAYMA-SILVA, G.; TORRESAN, F.E.; VICTORIA, D.; VICENTE, L.E.; BOLFE, E.L.; MANZATTO, C. **Conservação da biodiversidade do estado do Maranhão: cenário atual em dados geoespaciais.** Jaguariúna, EMBRAPA Meio Ambiente, 2016.

TEIS, D. T.; TEIS, M. A. A abordagem qualitativa: a leitura no campo de pesquisa. **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**, v. 1, p. 1-8, 2006.

TORRES-AVILEZ, W.; MEDEIROS, P. M. de; ALBUQUERQUE, U. P. Effect of gender on the knowledge of medicinal plants: Systematic review and meta-analysis. **Evidence-based Complementary and Alternative Medicine**, v. 2016, n. 1, p. 6592363, 2016.

TROPICOS.ORG. Missouri Botanical Garden, 2025 Disponível: <https://tropicos.org>

VIEIRA, B. B.; MILWARD-DE-AZEVEDO, M. A. A etnobotânica e o ecofeminismo em prol da conservação ambiental. **Diversidade e Gestão**, v. 2, n. 2, p. 178-188, 2018.

VIEIRA, L.S.; SOUSA, R.S.; LEMOS, J.R. Plantas medicinais conhecidas por especialistas locais de uma comunidade rural maranhense. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais** [online]. v. 17, n. 4, 2015.

VIU, A. F.M.; VIU, M. A. de O.; CAMPOS, L. Z.O. Etnobotânica: uma questão de gênero?. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 5, n. 1, p. 138-147, 2010.

XAVIER, R. A. T.; LIMA, R. A. O papel das mulheres na construção do conhecimento em Etnobotânica na região norte: uma revisão integrativa. **Conhecimento & Diversidade**, v. 12, n. 27, p. 51-63, 2020.

ZANK, S.; HANAZAKI, N. Healing faith: knowledge, learning and social relationships of healers from Araripe plateau, Brazil. **Ethnobiology and Conservation**, [S. l.], v. 5, 2016. DOI: 10.15451/ec2016-6-5.3-1-15.

HISTÓRICO

Submetido: 22 de Julho de 2025.

Aprovado: 10 de Agosto de 2025.

Publicado: 18 de Agosto de 2025.

COMO CITAR O ARTIGO – ABNT

GOMES, W. C.; NOGUEIRA, N. M. C.; CUTRIM, J. P. do N.; SOUZA, R. C. Contribuições Etnobotânicas sobre o Uso de Plantas por Benzedeiros(as). **FLOVET - Flora, Vegetação e Etnobotânica**, Cuiabá (MT), v. 3, n. 14, *e2025020*, 2025.